

# ROBERTO SCHWARZ: A LITERATURA MUNDIAL FORA DO LUGAR

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i41p29-45>

**Maria Elisa Cevasco**

## RESUMO

Este trabalho procura situar a contribuição fundamental de Roberto Schwarz para o debate sobre literatura mundial. Para isso, apresenta um panorama sucinto das principais vertentes em competição nas discussões teóricas sobre o tema, e mostra a produtividade de seu pensamento para constituir uma literatura mundial empenhada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roberto Schwarz, crítica cultural materialista, literatura mundial

## ABSTRACT

This paper tries to situate Roberto Schwarz's fundamental contribution for the debate on world literature. In order to so, it presents a brief survey of the main contending positions in theoretical discussions and shows the productivity of his thought to the project of an engaged world literature.

**KEYWORDS:** Roberto Schwarz, materialist cultural criticism, world literature

O que pode ter a ver o trabalho do nosso crítico dialético na periferia do capitalismo com o debate sobre a literatura mundial, que grassa na academia anglo-americana e, por extensão costumeira, em outras partes onde suas modas teóricas ditam pautas? Em 2024, foi publicado, na Inglaterra, um livro de ensaios, *Roberto Schwarz and World Literature* (WALLER, 2024), que pretende debater esta questão. No ensaio que escrevi para este livro, faço a mesma pergunta, e especifico: o que se ganha ao colocar sua obra no debate internacional? Aqui quero retomar a mesma questão, agora com foco no lugar e hora histórica. Que posição Roberto ocupa nas discussões acadêmicas sobre literatura mundial? Que diferença suas ideias fazem para os contornos da disciplina em ascensão?

O primeiro passo, sem receio de abusar da noção de lugar, tem que ser colocar Roberto ... em seu lugar. Posso ser breve. Os leitores desta revista já devem todos saber que seu pensamento se entronca, com desvios na Alemanha de Adorno e Brecht, e na Hungria de Lukács, na tradição Uspiana de crítica literária. O primeiro grande momento desta tradição, sabemos, se dá na obra de Antonio Candido, que nos ensinou a todos que a crítica é, para parafraseá-lo, um instrumento de descoberta e interpretação da realidade sócio-histórica. Para ser efetiva, uma análise literária tem que desvendar a forma objetiva, o conteúdo sócio-histórico sedimentado, que organiza o material verbal, e dá concretude às relações

sociais específicas que moldam a obra. Este movimento possibilita um conhecimento efetivo único sobre estas mesmas relações. A dialética entre o interno e o externo à obra, que Candido teoriza e pratica em muitas de suas análises, abre o espaço onde Roberto vai constituir seu projeto crítico de prospecção social através da crítica cultural. Este projeto vai se tornar uma contribuição importante para a tradição da crítica cultural marxista, para a qual, para citar Roberto, o básico está na dialética de forma literária e processo social.

Foi justamente buscando dar conta das características formais da prosa e do senso de humor peculiares de Machado de Assis que Roberto escreveu o que seria um de seus ensaios mais emblemáticos, “As ideias fora do lugar”, de 1973, um clássico da teoria cultural no Brasil, e também em outros países, a partir de sua tradução para o espanhol no ano 2000, e para o inglês em 1992. Como se sabe, trata-se do primeiro ensaio em um estudo de vida inteira, onde ele vai demonstrar que a obra de Machado configura um ponto de vista produtivo para examinar, com as lentes da crítica literária, o capítulo brasileiro da história da modernização capitalista. É neste ensaio que ele vai dar o mapa da mina para se pensar este processo a partir do Brasil: ao examinar o comportamento das ideias que vêm de fora, ele mostra as consequências ideológicas do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo. Em solo pátrio, estas ideias são testadas pela realidade nacional e sua validade dita universal é questionada. Para usar sua formulação lapidar, no Brasil, as ideias do centro não descrevem, nem mesmo falsamente, a realidade. O exemplo mais claro que ele dá é a adoção do pacote ideológico do liberalismo pelo Brasil escravocrata do século XIX. O choque entre a realidade nacional e a ideologia estrangeira questiona a validade desta em seu lugar, e se constitui, aqui, em uma ideologia de segundo grau, que não descreve nem mesmo falsamente, a realidade. Ele busca o fundamento desta disparidade, que abarca mais que Brasil, justo no que as causa: nas relações de produção e como estas mostram que as noções de um centro e de uma periferia, como se diria mais tarde, escondem a interdependência entre eles.

Anos mais tarde, no ensaio “Um seminário de Marx”, publicado em livro em *Sequências brasileiras*, Roberto vai indicar o diferencial que esta percepção traz para o trabalho de intelectuais uspianos que, com produção diversa, tem como tronco comum terem-se reunido para estudar Marx. Ele chama atenção para o fato

de que o trabalho marcante de alguns dos participantes do grupo parte de uma “intuição nova do Brasil”, visto por eles como um espaço “diverso mas não alheio” (SCHWARZ, 1999, p.95), um espaço em que as categorias que sustentam a ideologia plasmada nos países centrais não se aplicam com propriedade, e nem podem deixar de ser aplicadas. Ainda que sejam obrigatórias, as ideias de fora giram em falso, como vimos com o liberalismo no país da casa grande. Nosso espaço é diverso porque a colonização obviamente não criava sociedades iguais às das metrópoles, e nem a divisão posterior do trabalho internacional constrói igualdades. Mas trata-se de um espaço da mesma ordem, porque também ele é comandado pela dinâmica abrangente do capital e de seu desenvolvimento desigual e combinado, para ecoar Trotsky. Estudar este movimento das ideias nos permite não só elucidar o funcionamento ideológico local, como ilumina o externo. Claro que estas ideias são o material inevitável da produção literária, cujo exame pode franquear ângulos novos e produtivos para o entendimento das forças que movem a vida social aqui e lá fora.

Falando em 2009, na Argentina, em um seminário sobre as “As ideias fora do lugar” Roberto explicita o que estou tentando apresentar aqui:

A inserção de nossas peculiaridades de nação periférica no presente do mundo cria uma situação político-intelectual de alto interesse... A articulação interna das esferas que a divisão do trabalho intelectual costuma apartar — história nacional de um lado, história contemporânea de outro — abre campo para a avaliação da experiência local à luz do presente mundial, mas também vice-versa, a avaliação do presente mundial à luz da experiência local que é um espaço com força própria. O valor crítico dessa desagregação dos âmbitos ainda não foi devidamente explorado. (SCHWARZ, 2012, p. 170)

O debate contemporâneo sobre a literatura mundial é um lugar onde esse valor crítico pode tornar o debate mais produtivo. Passo agora a resumir, sem

pretensão de apresentar um panorama completo, os polos em disputa no debate, e como Roberto desempenha um papel importante para uma definição de rumos. Como sempre, as correntes teóricas, que à primeira vista parecem restritas ao mundinho da academia, traduzem visões de mundo que têm implicações na sociedade em geral. Só para entrar no assunto, o debate da literatura mundial em seu momento atual acaba por ter um papel na definição do que merece ser chamado de mundo, de quem pode fazer parte da humanidade, e, de forma central, como abordar as relações reais entre centro-periferia, países hegemônicos e países subalternos como expressas nas abordagens do tema. Num certo sentido, definir o que é literatura mundial hoje é entrar em uma disputa sobre o significado do presente. Para ecoar Roberto, equivale a sabermos onde estamos e que horas são.

\*

Claro que não dá para resumir aqui todos os passos que levaram a *Weltliteratur*, que Goethe, e também Marx e Engels, propuseram no século XIX, ao que Emily Apter descreve, em um livro de 2013, como “a disciplina que aglutina a todos no campo da crítica literária e nas ciências humanas na academia a partir dos anos 1990”. (APTER, 2013, p.1). Mas quero mencionar alguns desses passos para dar uma ideia dos rumos atuais.

Tanto Goethe quanto Marx viam a literatura mundial como uma expressão de um humanismo revolucionário. Para o primeiro, a literatura mundial oferecia a oportunidade para um concerto das nações, um alargamento das possibilidades de união entre os países, uma superação da estreiteza dos nacionalismos. Em “Conversas com Eckerman”, de 1827, ele recomenda que todos se interessem pelas literaturas estrangeiras: “Literatura nacional é agora um termo sem sentido, o tempo da literatura mundial está por chegar, e todos devem se esforçar para apressar sua chegada” (GOETHE, 1973, p.6).

Sob o signo da tolerância, a literatura mundial seria “uma literatura universal, ou uma literatura que expressa a humanidade, e essa expressão é o propósito final da literatura”, como escreveram os Said na introdução à tradução de *Philology and Weltliteratur* de Erich Auerbach. Como tal, eles acrescentam, “trata-se de um conceito visionário, na medida em que transcende as literaturas nacionais, sem, ao mesmo tempo, destruir suas individualidades.” (SAID, 1969, p.1). Como é comum a posições idealistas, eles não elaboram como essa perfeição de

convivência das expressões locais e internacionais, ou esse humanismo universalizante, poderia ser atingido. O próprio Auerbach, embora retenha a noção de abrangência máxima ao considerar que “nosso lar filológico é a Terra” e que “apenas através de um senso pré-nacional de *Geist* é possível desenvolver um verdadeiro amor ao mundo”, reconhece também, já em 1952, que “Nosso planeta, o domínio da literatura mundial, está ficando cada vez menor e perdendo sua diversidade, a estandardização tomando seu lugar, e temos mais, muito mais, porém do mesmo... e o homem terá que se acostumar a uma existência em um mundo estandardizado, a uma cultura literária única, a poucas linguagens literárias e talvez a uma única linguagem literária. E assim a noção de *Weltliteratur* será ao mesmo tempo realizada e destruída” (AUERBACH, 1969, p.3).

Lidas hoje, estas intervenções parecem proféticas, tanto por seu idealismo, que acoplado a um certo oportunismo mercantilista, vão marcar as posições dominantes no debate contemporâneo, quanto pela premonição da preponderância cada vez mais ampla de poucas linguagens literárias, a diversidade sendo traduzida para o inglês e para os ditames de um mercado editorial que tenta reduzir os modos de escrever a um padrão palatável.

Mas, como não poderia deixar de ser em um mundo marcado pela contradição, o conceito de literatura mundial está em disputa e, a posição hegemônica é desafiada por uma posição materialista, que entra em campo já na conhecida formulação de Marx e Engels no “Manifesto Comunista”:

Em lugar das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, nascem novas necessidades, que reclamam para sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolvem-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material como à produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas. A estreiteza e o exclusivismo nacionais

tornam-se cada vez mais impossíveis; das inúmeras literaturas nacionais e locais, nasce uma literatura mundial.

O período a que se convencionou chamar de globalização incrementa o que se pode designar, sempre com receio de usar palavras enganosas, de intercâmbio universal. Embora haja uma revista sobre o tema desde 1927, o *Journal of World Literature*, podemos dizer que as condições materiais para a circulação de concepções sobre uma mudança nos paradigmas da literatura comparada que colocaria, como disse Apter, a literatura mundial no centro do debate, se intensificam no nosso século. Começo com a posição hegemônica, cujos princípios estão codificados no livro de 2003 de David Damrosch, *What is World Literature?*. Professor de Harvard, ele toma para si a empreitada de promover a nova disciplina. Além de publicar extensamente sobre o assunto, é presidente da World Literature Association, fundada, como era de se esperar, em um congresso em Beijing, em 2011. Na sua visão, a nova disciplina não tem limites, seu campo é o “estudo de qualquer literatura, de qualquer lugar, e de todos os tempos”. Não resisto citar suas palavras em uma entrevista: “Eu trabalho principalmente com a literatura escrita entre os anos 2000 e 2015, mas 2000 aí significa 2000 antes de Cristo” (DAMROSCH; LENFELD, 2019). Nesse tempo expandido, não há lugar para descobrir o outro, mas sim para descobrimos o que teríamos em comum. Mas comum aí tem a ver com o fato de que somos tão humanos quanto os faraós do Egito ou os reis da Suméria (exemplos dele). Damrosch defende que a literatura mundial deve – e concordo com ele nesse aspecto — desprovincializar o público leitor e expô-lo a literaturas até ontem descartadas como exóticas. Mas a variedade cronológica e geográfica dos interesses de Damrosch abre um flanco fácil para críticos da literatura-mundial, que apontam que de um projeto universalista de libertação humana ela se transforma, digamos, em um *Epcot* da literatura, onde se percorre o mundo em busca de novidades literárias, e se faz tudo se parecer com tudo. As obras são apresentadas sem levar em conta as especificidades sócio-históricas que dão sentido aos textos, para estudantes das velhas metrópoles europeias e dos Estados Unidos, dando-lhes a ilusão de que são efetivamente cosmopolitas e abertos à diferença. Mas não se pode negar que o expansionismo da posição de Damrosch exerce grande atração para muitos proponentes da nova

disciplina: na contracapa de seu livro, o autor é elogiado como sendo capaz de estar igualmente à vontade discutindo os sumérios, os astecas, o misticismo medieval e a metaficção pós-moderna. Assisti a uma palestra sua em um congresso nos Estados Unidos. Podia-se sentir o entusiasmo da plateia lotada de professores e pesquisadores, em sua maioria norte-americanos, com as ideias do palestrante. Na sessão de perguntas, nenhum questionamento do vazio de suas posições, ou de como essa miscelânea de tempos e lugares, sem nenhum resquício de especificidade, pode servir para alguma coisa, mesmo que seja ao idealismo dos primeiros proponentes da disciplina. Entendi que meu desconforto vinha da minha formação uspiana que havia me ensinado a função social da crítica literária, que faz com que modos de ler tornem visíveis as marcas da História e do coletivo, concretizem os determinantes dos significados e valores que constituem a vida em sociedade. Não há, na abordagem da literatura mundial segundo Damrosch e seus inúmeros seguidores, nem sombra do que é central na tradição da crítica cultural materialista, a interconstituição de forma artística e conteúdo social, e a operação crítica como uma maneira de decifrar o conteúdo de verdade da literatura, que nos propicia um conhecimento único sobre a realidade. É mais um dos sinais dos tempos que o humanismo vazio da abordagem *a la* Damrosch tenha tanto apelo.

Mas claro que este é, como tantos outros, um campo em disputa. Desde, pelo menos, o ano 2000, a crítica materialista entrou no debate, e, com ela, as ideias de Roberto. O primeiro grande passo para reclamar a nova disciplina para a Esquerda foi dado, até onde sei, por Franco Moretti. Seu ensaio “Conjectures on World Literature” saiu no primeiro número da nova série da *New Left Review*, que inaugurava a atuação dessa revista no novo século. Reconhecendo que “o estudo da literatura mundial é — inevitavelmente um estudo da luta pela hegemonia simbólica ao redor do mundo” (MORETTI, 2000, p.64) — ele propõe uma definição calcada na teoria dos sistemas-mundo para a qual o capitalismo internacional é ao mesmo tempo um sistema único e desigual, desigualdade esta que responde pela existência de um centro e uma periferia, e também uma semiperiferia. Este sistema é interligado por uma desigualdade crescente. Assim, Moretti propõe descrever a nova disciplina como um sistema literário mundial de literaturas inter-relacionadas marcado por profunda desigualdade. Uma e desigual, como o mundo sob o capitalismo globalizado, que acentua, como diriam os participantes do



seminário de Marx, o seu processo contínuo de desenvolvimento desigual e combinado. Para Moretti, o ensaio de Roberto, “A importação do romance e suas contradições em Alencar”, demonstra esta interrelação, ao assinalar que a “dívida externa é tão inevitável nas Letras brasileiras como em qualquer outro campo, e não é simplesmente uma parte facilmente dispensável da obra em que aparece, mas uma característica complexa desta obra”<sup>1</sup>. A literatura mundial requereria uma nova maneira de ler, que ele chama de leitura distante, uma abordagem distinta da leitura imanente, e que não dá, portanto, conta da especificidade de cada obra, mas é um modo de divisar estratégias literárias, temas, tropos, gêneros. Para Moretti, de novo se apoiando também em Roberto, há uma lei da evolução literária na literatura mundial: “em culturas pertencem à periferia do sistema literário, (o que significa quase todas as culturas, dentro e fora da Europa), o romance moderno surge primeiro não como um desenvolvimento autônomo mas como um compromisso entre a influência formal do Ocidente (quase sempre da Inglaterra e da França) e os materiais locais” (MORETTI, 2000, p.5). Leitores de Candido, que também é citado no artigo, reconhecerão esta maneira de teorizar as interrelações entre local e estrangeiro. Os ensaios de Roberto publicados em inglês são constituintes, e, penso, corretores do pensamento de Moretti sobre a literatura mundial.

O ensaio teve grande repercussão. Acho que nunca li um texto sobre literatura mundial que não faça referência a ele. Em 2003, Moretti veio ao Brasil e expôs suas ideias sobre a leitura a distância e modelos abstratos para escrever a história literária. Eram os argumentos do seu livro que sairia em 2005, *Graphs, Maps, Trees*. Eu estava presente e, como grande parte da audiência, fiquei muito encantada com a elegância da ideia de pensar a literatura tomando emprestado os modelos de outras disciplinas e divisando grandes movimentos e evoluções. No final de uma das exposições, Roberto fez a pergunta, amigável e simpática, mas nem por isso menos afiada, se esse tipo de história literária, que se apoia em padrões e evoluções, podia ainda ser, também, uma forma de crítica social, ou este projeto tinha sido abandonado. Maneira elegante e sucinta de nos mostrar a todos

---

<sup>1</sup> Optei por traduzir esta formulação como aparece no texto de Moretti, que a extrai de Roberto Schwarz, *Misplaced Ideas*, Londres, Verso, 1992. No original está: “Em suma, também nas Letras a dívida externa é inevitável, sempre complicada, e não é parte apenas da obra em que aparece.” (SCHWARZ, 1992, p.36.)

o que faltava nas concepções de Moretti. Este mesmo diz que esta pergunta o fez repensar o projeto, e se propor a dar adeus à “elegância etérea das abstrações metodológicas e retornar às realidades complexas da história social” (MORETTI, 2006, p.41). Vê-se aí mais uma contribuição central do pensamento de Roberto.

Este pensamento é também fundante para as posições de outro grupo de Esquerda que disputa a hegemonia no debate da literatura mundial, o Warwick Research Collective, WReC, um grupo de pesquisa concentrado na Universidade de Warwick na Inglaterra. Em 2015, publicaram seus achados em um livro coletivo – raridade no *star-system* do mundo acadêmico — *Combined and Unequal Development: Towards a New Theory of World-Literature*, traduzido para o português em 2024. O coletivo segue a trilha aberta por Moretti e lhe dá novos rumos. A questão para eles é definir a literatura mundial no espaço onde ressurgue na reconfiguração da ordem mundial capitalista que chamamos de globalização, em um contexto, ainda seguindo como Moretti, de um sistema-mundo como antes uno e desigual. A literatura-mundial se estrutura, para eles, na interrelação centro/periferia onde periferia engloba as periferias internas dos países centrais. Estas não são categorias estanques, mas constitutivas uma da outra, e marcas indelévels do modo capitalista de fazer mundos. Para eles, “tanto o setor futurista de Shangai quanto a favela da Rocinha” (WREC, 2015) no Rio de Janeiro são igualmente emblemas da modernidade. O projeto é pensar a literatura mundial como expressão da modernização capitalista — o que lhes dá um âmbito histórico definido — e analisar como o sistema mundial é registrado nas diversas literaturas periféricas. Para guiar essa análise, eles se apoiam em Michel Löwy, outro participante do Seminário Marx, e propõe a categoria de irrealismo: como as diferentes literaturas adaptam e deformam as características formais do realismo clássico, e como esse movimento de choque entre forma e conteúdo produz um efeito de revelação.

Já fica evidente que seguem pelos caminhos abertos por Roberto. Entrevistando 3 dos membros do grupo, Thomas Waller sugere que sua abordagem pode ser descrita como “Machado à escala mundial”. De fato, eles enfatizam que:

Schwarz é uma figura-chave para pensar o desenvolvimento

combinado e desigual em relação à Literatura Mundial. Em primeiro lugar, a sua leitura de Machado de Assis é muito importante. É uma leitura paradigmática que permite compreender como as pressões do desenvolvimento combinado e desigual se podem fazer sentir numa obra literária. É por isso que Schwarz acaba por ser tão importante, porque além do exemplo específico que fornece — que é tão brilhante! — insiste na ideia das relações sociais como uma força interna à forma. (WALLER, 2021, p.524)

O coletivo tira as consequências teóricas desse paradigma. Fazem uma leitura bem fundamentada do que Roberto chama, como vimos, de nova intuição a que chegou o grupo do Capital: a percepção de que a dinâmica do desenvolvimento desigual e combinado é central para o entendimento da dialética centro-periferia do sistema-mundo. Este é o espaço onde se dá a produção cultural. Apresentam uma discussão certa da centralidade da noção de forma objetiva para as análises de Roberto:

Mas pensemos em quão complicada é essa fórmula: ‘o abstrato de relações sociais determinadas’. ‘Abstrato’ transmite um sentido da expressão, representação ou registo, mas noto também que Schwarz usa o termo ‘articulação’, com o significado de falar. Desse modo, ‘relações sociais determinadas’ são expressas nas formas. É assim que as formas emergem, por assim dizer. Em inglês, ‘abstract (a tradução de ‘abstrato’) pode também significar o resumo de um artigo académico, por exemplo, que envolve um certo tipo de codificação. Mas Schwarz diz o abstrato de relações sociais determinadas, então eis uma dialética em ação entre o particular e o universal. É devesas uma formulação complicada, e leva-nos ao território da teoria crítica sobre mediação. Você tem que considerar Voloshinov e Bakhtin. Estamos falando sobre Adorno e Franz Jakubowski aqui. Neste sentido, a forma envolve a

codificação estruturada de algo. (WALLER, 2021, p.526)

Trata-se certamente de um projeto original e bem argumentado. Acho muito produtiva a exposição que fazem da conjuntura contemporânea como o chão histórico das obras que constituiriam uma literatura mundial em nossos dias. Mas, e retomo aqui um argumento que apresentei em um Fórum publicado sobre o livro (CEVASCO, 2016, p.516-520), e na resenha (CEVASCO, 2021, 546-558) que escrevi para a tradução brasileira, ao apresentar análises de romances de diferentes nacionalidades, todos oriundos de periferias tanto dentro como fora da Europa, eles recaem em um problema recorrente nas análises que buscam homologias entre elementos sociais e literários, e acabam por revelar o já sabido. A tradição marxista oferece uma noção específica do trabalho crítico, que seria a de decifrar o conteúdo social e histórico decantado na forma estética. Ao descobrir as formas sociais que estruturam as artísticas e revelar elementos até então desconhecidos, ou, pelo menos, não conhecidos deste modo, a crítica demonstra seu potencial cognitivo e se torna, para repetir Candido, um instrumento privilegiado de descoberta e interpretação da realidade sócio-histórica. “Para a crítica dialética, o trabalho da figuração literária é um modo substantivo do pensamento, uma via *sui generis* de pesquisa” (SCHWARZ, 2012, p.288).

Vou retomar o exemplo que dei no Fórum e na resenha para tentar esclarecer o que quero dizer. Na análise do romance *The Secret Book of the Werewolf* do russo Victor Pelevin, publicado em 2005, eles nos chamam a atenção para a predominância do que chamam de “tropos irrealistas e espectrais”. Eles notam que a mesma coisa se dá na literatura da África do Sul. A interpretação é que, nos dois casos, há um registro da imposição do neoliberalismo nos dois países, e a ascensão de economias do crime na semi-periferia. Acho que isso é do maior interesse, mas gostaria de ter acesso ao conhecimento que só a experiência literária nos dá: o que os elementos formais desses romances nos contam de como se vivem e sentem as contradições inerentes a esse processo de imposição? Em outras palavras, que conteúdo específico essa forma veicula, e como concretiza a experiência do vivido nas intersecções de mundos que constituem o centro, a periferia e a semi-periferia.

É nesse aspecto que a contribuição do Roberto ao debate se destaca. Como muitas outras de suas intervenções, ele muda os contornos da discussão, e, se levado em conta, pode aumentar a produtividade das abordagens da literatura mundial. Quero comentar, brevemente, dois textos dele que tratam de questões da literatura mundial para mostrar a diferença que faz abordar, como ele faz, o movimento contínuo das formas externas e internas à obra. A análise das formas trabalhando formas, para usar uma expressão consagrada do crítico, dá substância histórica e especificidade estética a suas colocações. “Leituras em competição”, texto de 2006, e publicado em inglês em 2007, trata explicitamente da literatura mundial. Este texto faz par com outro, em que aborda a questão da “universalização” de escritores através da produção de um cânone mundial, “A viravolta machadiana”, de 2003. O assunto central deste texto é explicar — ele foi escrito originalmente para ser publicado em italiano, em um livro editado por Moretti — como Machado de Assis, nos seus romances da segunda fase, inaugurada por *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, logra superar, através de rearranjos formais da matéria narrada e da forma de narrar, as marcas de uma tradição “local e breve, encharcada de modelos europeus” (SCHWARZ, 2012, p.248) e se equiparar ao projeto geral da literatura de primeira linha do seu tempo, que inclui nomes como Dostoiévski, Henry James, Tchekov, Proust e Kafka, ou seja ao projeto de “desobstruir realidades desconhecidas sob a realidade burguesa” (SCHWARZ, 2012, p.278). Vê-se que estamos aí no plano de desmarcar uma ideologia de classe, no Brasil e alhures.

O ponto que marca a virada é uma escolha técnica: como sabemos o escritor adota, a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas* <sup>2</sup> o ponto de vista dos de cima, que, usando a própria voz narrativa, se expõem e, no mesmo passo, questionam, por demonstração involuntária, os alicerces que ordenam o mundo burguês. Machado deu a esse narrador “uma cultura e um domínio dos meios retóricos de abrangência enciclopédicas, para submeter uma espécie de pseudossíntese da tradição ocidental ao espelho das relações de classe brasileiras.” (SCHWARZ, 2010, p.243) Ecoando a formulação da ideologia de segundo grau, ele assinala que esse procedimento cria um “localismo de segundo grau”, que incorpora a degradação do

---

<sup>2</sup> Vale lembrar, como faz Roberto no texto, que *Quincas Borba* (1891) é narrado em terceira pessoa.

cosmopolitismo”, procedimento este que lança luz, através da exposição de seu efeito local, sobre a regra da ordem burguesa em geral. Na prática literária de Machado está concretizada, em matéria literária, o que a teoria descreve como a interpenetração de centro e periferia. A forma local, que imita a desmascara a estrangeira, permite ver como se manifestam na construção do romance, e em especial a de uma personagem específica, Brás, e os que gravitam no seu mundo, as contradições do sistema-mundo. O narrador/personagem é um típico homem de sua classe, em um Brasil em que a civilização europeia, que expressaria valores universais, se revela compatível com os privilégios de classe extensíssimos que a situação periférica ressalta. A prosa de Brás, o veículo que concretiza a inequidade que marca suas ações, recheia o relato de suas incivildades com alusões constantes a grandes pensadores da cultura europeia, ele se mostra íntimo “da Bíblia, de Homero, de Luciano, Erasmo, Shakespeare, moralistas franceses, Pascal, etc”. Este trânsito entre as grandes conquistas da cultura europeia e seus privilégios dá a medida da convivência inextricável, aqui e lá, da civilização e da barbárie, do progresso e do atraso. A forma do romance, uma invenção “bem plantada no campo das desigualdades internacionais”, portanto no campo objetivo das formas sociais efetivamente existentes, põe em cena um ponto de vista periférico, que “faz medir as medidas: a tradição literária do Ocidente é solicitada e deformada” (SCHWARZ, 2012, p.254). A prosa de Brás evidencia a “facilidade com que a alta cultura se presta ao papel” de veículo das inequidades, e este é um resultado crítico substancial, que nos faz ver essa cultura com olho crítico e desmascarador. No mesmo passo, “um tipo social que se diria exótico e remoto, antes um clichê de opereta do que um problema, é trazido à plenitude de seus efeitos na cultura mundial” (SCHWARZ, 2012, p.254) cujas contradições Brás encarna e expõe.

Os termos da convivência das normas internacionais e locais, onde ambas se apresentam de forma nova e reveladora, é também um dos assuntos do ensaio “Leituras em competição”. O ponto de partida é pensar como se colocam o local e o universal na nova circulação de obras literárias facilitada pela globalização. Roberto usa como epígrafe uma citação de Beatriz Sarlo, onde a crítica argentina conta que, ao falar sobre Borges, um argentino a quem hoje se considera “universal”, em inglês, na Universidade de Cambridge, se deu conta de que: “A

reputação mundial de Borges o purgou de nacionalidade”. Ele narra os passos que levaram Machado de Assis, a partir de meados do século passado, para o rol dos clássicos da literatura mundial. Avalia o que se ganha, e se perde, em densidade crítica nas leituras que se atém ao peso estruturante do contexto sócio-histórico na obras (leituras locais), e as internacionais, que o veem como um autor universal (sempre este termo!) entroncado na tradição literária dos países centrais, onde Machado se presta também para ser apropriado pelas modas teóricas da academia, sobretudo as americanas, sem referência a seu contexto, como se, digo eu, literatura fosse só literatura. A oposição entre o local e o universal, embora “tosca”, é central no debate sobre literatura mundial.

A intervenção de Roberto é, como era de se esperar, típica de sua atuação no campo da crítica: ele desmonta essa oposição e mostra o que ela serve para ocultar, ou seja, a interpenetração dos dois termos, que faz “girar em falso a cultura canônica” (e os preceitos e pressupostos que a sustentam) e põe de pé “uma problemática inédita, difícil, de classes e de inserção internacional, de que a oposição corrente entre localismo e universalismo oferece uma versão distorcida e característica” (SCHWARZ, 2012, p.41).

Sua demonstração parte de uma análise formal de uma crônica de Machado, “O Punhal de Martinha”, onde o autor adota o ponto de vista de um narrador em primeira pessoa, de novo um homem culto à moda europeia, que compara, com dicção empolada, o punhal clássico da romana Lucrecia com a de Martinha da Cachoeira — não resisto citar que a leitura cerrada de Roberto tira as consequências até do emprego de artigos: “Precedida do artigo definido e singularizador” (SCHWARZ, 2012, p.31), a Cachoeira passa a ser um lugar muito mais familiar e próximo tanto do narrador quanto do leitor do que faz crer a distância tentada pelo estilo elevado da narração. No vai e vem de sua prosa, vão se configurando o imbricamento e as dependências das distâncias e separações. O localismo e o universalismo se revelam palavras-tapume, que escondem o que sustenta a oposição: a ordem mundial desequilibrada e em litígio, “sem solução em perspectiva, que “deixa mal a “cultura autorizada e vice-versa, num amesquinamento recíproco de grande envergadura, que é um verdadeiro ‘universal moderno’” (SCHWARZ, 2012, p.43).

Uma prática de crítica de literatura mundial que faça aparecer as contradições desse universal moderno é bem o que precisamos neste momento histórico. Por isso é que faz diferença trazer o Roberto para o centro do debate.

## BIBLIOGRAFIA

APTER, Emily. *Against World Literature: The Politics of Untranslatability*. Londres e Nova Iorque: Verso, 2013.

AUERBACH, Eric. "Philology and *Weltliteratur*". *Centennial Review*, vol. 13, n. 1, Winter 1969, pp. 1-17.

CEVASCO, Maria Elisa. "Forum: Combined and Uneven Development". *Comparative Literature Studies*, Penn State Press, vol.53, n. 3, 2016.

\_\_\_\_\_. Resenha de Desenvolvimento desigual e Combinado: por uma nova teoria da literatura-mundial. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 40, pp.546-558, nov. 2021.

DAMROSH, David. *What is World Literature?* Princeton, NJ, Princeton University Press, 2003.

DAMROSH, David; LENFED, Spencer. "A World of Literature". *Harvard Magazine* <https://harvardmagazine.com/2019/09/david-damrosch>

GOETHE, Johann Wolfgang von, "Some passages Pertaining to the Concept of World Literature". In: *Comparative Literature, the Early Years*. Ed. Hans-Joachim Schulz e Phillip H. Rhein, Chapel Hill, NC, 1973.

MORETTI, Franco. "The End of the Beginning". *New Left Review*, n. 41, Sept./Oct. 2006.

\_\_\_\_\_. "Conjectures on World Literature", *New Left Review*, n. 1, Jan./Feb. 2000.

SAID, Edward; SAID, Maire. "Introductory Note to 'Philology and *Weltliteratur*'. *Centennial Review*, vol. 13, n.1, 1969.

SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia: Ensaios e Entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Sequências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. "Um avanço literário". *Literatura e Sociedade*, n. 13, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, 2010.



WALLER, Thomas. “Apresentando o WReC: Uma entrevista com Neil Lazarus, Sharae Deckard e Michael Nibblet.” *Via Atlântica*, São Paulo, n. 40, nov. 2021.

\_\_\_\_\_. *Roberto Schwarz and World Literature: Critical Essays*. Londres, Macmillan/Palgrave, 2024.

WReC, *Combined and Uneven Development: Towards a New Theory of World-literature*. Liverpool, Liverpool University Press, 2015.

**Maria Elisa Cevalco** é professora titular do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP. Sua pesquisa enfoca as relações entre produção cultural e processo social, com ênfase nas obras de Raymond Williams, Fredric Jameson, e Roberto Schwarz. É autora dos livros *Para ler Raymond Williams* (2001) e *Dez lições de Estudos Culturais* (2003), organizadora de *A cultura do dinheiro* (2001) e co-editora de *O espírito de Porto Alegre* (2002), além de vários artigos e capítulos de livros sobre temas da crítica cultural materialista, publicados no Brasil e no exterior.